

ECONOMIA, ANTINOMIA E IDEOLOGIA

Jandir Ferrera de Lima¹

Resumo: *Este ensaio trata da interação da ideologia e da antinomia, na esfera de circulação e troca do sistema capitalista de produção, a partir da concepção marxista e sua interpretação do capitalismo, delineando os instrumentos de fundamentação da ideologia, entre eles, a moral, a alienação e o distorcimento das informações e as questões existenciais. Estes instrumentos agem, num contexto ideológico, para encobrir o antagonismo de classes que reflete a apropriação da mais-valia no processo produtivo.*

Abstract: *This rehearsal about the interaction of the ideology and of the antinomy, in the sphere of circulation and it changes of the capitalist system of production, starting from the Marxist conception and its interpretation of the capitalism, delineating the instruments of acceptance of the ideology, among them, the morals, the alienation, and the existential subjects. These instruments act, in an ideological context, to hide the antagonism of classes that reflects the appropriation of the surplus value in the productive process.*

Palavras-chave: *Economia - Ideologia - Antinomia - Mais-Valia.*

¹ Mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Economia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Faz Ciência	Francisco Beltrão	v.2	n° 02	p. 65-87	1998
-------------	-------------------	-----	-------	----------	------

1. Introdução

O objetivo deste ensaio é efetuar uma análise sobre a ideologia na antinomia do sistema capitalista, caracterizada no âmbito da esfera de circulação e troca, ou seja, apenas uma parcela do sistema produtivo. O ensaio, parte então da concepção marxista desta estrutura, traçando suas considerações e esclarecendo os termos relevantes e a sua interação. Na seção 2.0 é apresentada a denominação e a interpretação dos termos ideologia e antinomia. Na seção 3.0, é descrita a esfera de circulação e troca e sua importância no ambiente deste artigo. A seção 4.0, descreve uma interpretação a respeito da interação entre a antinomia e a ideologia, sua fundamentação a nível de sistemas econômicos e sua superação dentro do ambiente destes sistemas.

2. Da Ideologia e Antinomia

2.1 Do Termo Ideologia:

O termo ideologia, conseqüentemente sua designação, tem gerado muita polêmica no âmbito das ciências sociais nos últimos tempos. No século XIX, o francês Destutt de Tracy, criou o termo como ciência das idéias. Esta concepção mudou nos anos seguintes. Entretanto, a conceituação de maior relevância para este estudo é a designada por Karl Marx e Friedrich Engels em "A Ideologia Alemã" (1845). Nesta designação, ideologia é uma consciência falsa elaborada pela estrutura dominante de uma determinada classe social, para ocultar a natureza e os objetivos materiais desta determinada classe.

Salienta-se ainda que o ato de conhecimento, característica da relação da ideologia com o meio, provém de elementos da vida social e da própria natureza humana do indivíduo frente a fatores reais.

2.1.1 A Ideologia e a Relação com o Homem:

A ideologia está centrada na idéia. A idéia que os indivíduos tem dos fatos. A idéia moldada pelos fatos. Onde a idéia é a

capacidade infinita da consciência apenas limitada pelos fatos. Como estes fatos agem entre si no momento que o indivíduo começa a arquiteta-los, como sujeito da história, depende em muito das relações que ocorrem entre os indivíduos e o meio. Estas relações tornam o homem um ser pensante do meio. O homem produz idéias para gerir o meio em que vive. No instante que o homem racional tem noção de sua influência na transformação do meio, começa a evoluir. A ideologia, portanto, como algo que relaciona-se na consciência produzindo idéias através dos fatos, pode forçar o processo de estagnação, evolução ou retrocesso do indivíduo dentro do contexto social. Portanto, o homem pode sentir-se insignificante, importante ou isolado dentro do seu ambiente. Poderá assumir um caráter passivo, autômato, teleguiado sempre procurando identificar-se com algo ao seu redor. Quando o homem procura esta identificação com o meio, gera relações sociais. O homem então é um ser social que usa sua experiência sensorial dos objetos para compreender a realidade dos fatos. Então, o homem como ser social é delimitado pelo real. E a idéia que ele tem do real pode ser produzida no ambiente em que ele está inserido: a fábrica, a escola, a família, etc...

Esta é a natureza do fenômeno social. O homem elabora uma série de idéias de acordo com seus valores, formação e as relações que regem o meio em que vive, ou que busca, em relação com outros indivíduos que compõe o meio. Isto forma uma relação histórica, onde encontra-se o sentido da ideologia, porque no âmbito desta relação o homem pode ser revolucionário, passivo, superficial. Torna-se ou um sujeito da história ou um objeto inseguro do sistema. A forma como vai assumir depende de sua relação com o meio e a idéia que forma destas relações.

No âmbito destas relações, a ideologia surge do real para convencer sua linha de atuação na história. A ideologia surge da maneira de organizar a sociedade. Está inserida no processo histórico, porque este processo está constituído de lutas sociais. Nas palavras de Karl Marx, da luta de classes.

Com isso, o fundamento específico do sistema ideológico

que se forma no sistema é o de repressão, atenuamento ou encaminhamento de transformações na evolução dos fenômenos sociais. Esta evolução diferencia-se no modo de produção. Consequentemente, o processo histórico tem suas bases no processo produtivo. Esta é a concepção materialista da história (MARX, 1977). No seu âmbito, a ideologia interage com a antinomia, porque a economia é um foco de necessidades, cuja satisfação tem como ferramenta principal o trabalho do homem. Consequentemente, a consciência do homem quanto ao seu papel no processo produtivo, torna-o cada vez mais agente de transformações neste mesmo processo. O homem em todo este processo, nivela idéias e ações. O campo de pensamento e sua criatividade impõe estas ações.

A evolução dos sistemas é a prova concreta e real da dinâmica do processo histórico, em que a realidade funde-se com a razão do homem e do meio em que vive. A ideologia é um instrumento para moldar esta razão. Razão que o homem, no ambiente produtivo tem das relações econômicas.

2.1.2 Da Antinomia

O termo foi usado pela primeira vez em filosofia por Kant (1724-1804), que via a antinomia como uma incoerência inevitável, à qual se chega através da lógica dos argumentos racionais, quando estes próprios argumentos procuram conhecer sua própria natureza. Representa em si a negação da metafísica.

Para Hegel (1770-1831), era nada mais do que um instrumento da razão e das leis que conduziam às coisas.

A antinomia, na sua natureza social, apresenta-se como um conflito entre o senso do dever e as necessidades, ou aquilo de mais essencial que a ordem no meio social apresenta.

Antinomia, de certa forma, é uma exclusão recíproca entre o fato justo e o que ele representa. É óbvio que para delinear a natureza do fato teria-se que se estabelecer uma série de valores do que é considerado justo e a natureza do injusto. No entanto, a lógica da antinomia apresenta-se no seu sentido empírico, da forma

como a realidade nos demonstra uma série de situações e de como os agentes e objetos destas situações se comportam no meio.

Se tem-se um sujeito e um objeto que pode ser o homem nas suas relações sociais, e a antinomia caracteriza uma exclusão recíproca, sua natureza, seu aspecto mais íntimo é a contrariedade entre proposições que a razão empírica nos demonstra como verdadeiros, no escopo das relações sociais. É a implicação recíproca entre uma proposição e a sua própria negativa, que para o âmbito deste estudo, delinea-se no âmbito das relações econômicas, em suas trocas desiguais, na apropriação do excedente, na formação de classes sociais e na otimização não condicionada de fatores de produção. A antinomia é um paradoxo que é contrário ao senso comum.

2.1.2.1 A Antinomia e a Relação com o Homem

Da relação entre o homem e seus paradoxos na estrutura do capitalismo, resultam duas coisas: Uma estrutura de classes, conforme a participação do indivíduo no processo produtivo; e a formação de destinos inerentes à estrutura do sistema, ou seja, apesar da realidade e o que ela representa, o sistema define o seu papel no futuro (BERTAUX, 1979).

Todo o homem tem seu livre arbítrio, com uma consciência mítica ou revolucionária, entretanto, todo o homem está condicionado às formas que a natureza lhe impõe de controle: fome, frio, medo, reprodução, ..., e as formas que o sistema produtivo também lhe impõe: a penúria, a riqueza, ou a estagnação acomodada. Para manter esta arrigementação, o instrumento que encobre a antinomia (ou o seu instrumento) é a ideologia e a estrutura de trocas. Todo o estudo da antinomia, na sua totalidade, deve verificar estes instrumentos e os seus aspectos, no entanto, pela delimitação deste trabalho, ver-se-á apenas a correlação com a ideologia.

3. A Esfera de Circulação e Troca

O sistema capitalista traz na sua estrutura uma antinomia inerente ao seu processo de arrigementação da produção. Um sistema de produção coletivo, em que os meios de produção estão nas mãos de poucos indivíduos. Neste caso, o processo de circulação e troca tem sua importância decisiva dentro do sistema, porque toda e qualquer expropriação do trabalho socialmente despendido na produção ocorre no seu bojo. É no seu âmbito que o capitalista se apropria individualmente do resultado da produção coletiva, e daquilo que a produção coletiva incorpora ao valor do capital: a mais-valia.

O processo de circulação caracteriza todo o enredo que o sistema passa a metamorfosear a apropriação do excedente produzido pelo trabalho na estrutura do sistema capitalista. Para isto, se utiliza de um medidor de valor caracterizado na moeda e as “transformações” que a mercadoria passa no processo de troca.

Quando a moeda apareceu como equivalente geral, facilitou o processo de circulação e troca na estrutura produtiva. A moeda materializou o valor numa medida, num transferidor de riqueza, pelas transações que representa nas relações sociais de produção. Essas relações apresentam-se no valor de troca, que exprime todo um entrelaçamento de fatos e atos que derrocam numa mercadoria corpórea que após um primeiro ato de troca e uma expressão inicial da moeda em riqueza, começa a circular pelo sistema (se não for utilizada e consumida previamente), incorporando-se a novas mercadorias, em novos processos produtivos, recebendo nova carga de trabalho, até a mercadoria chegar a sua utilização final onde se exauri. Entretanto, até esta mercadoria se exaurir há uma equivalência geral, em que liga diferentes mercadorias e o seu uso, e a inutilidade de se desfazer dela em proveito de outra utilidade. Para MARX (1977), esta equivalência é o preço, que é “ é a forma metamorfoseada sob a qual aparece o valor de troca das mercadorias no interior do processo de circulação...Para que as mercadorias apareçam na circulação como preço, têm que revestir a forma de valores de troca”. (p.73)

Essa metamorfose, no processo de equivalência, encobre as particularidades do trabalho incorporado ao valor e demonstra um ponto de fragilidade da mercadoria se ocorrerem oscilações aleatórias no seu valor acarretadas por fatores exógenos. Por outro lado, ocorre também a capacidade da mercadoria se relacionar a outras sob a forma de valores específicos, padrões de preços entre diferentes bens econômicos, entre trabalhos diferentes.

Este padrão torna-se fundamental no processo de circulação e estabelece-se como uma das formas do mercado regular o processo agregador de trocas. A determinação de preços é um equivalente que exclui outras formas de medida de valor e resolve as contradições de troca. O valor de uso e de troca da mercadoria se fundamenta em diferentes medidas de metal. A imagem da mercadoria no processo de circulação é o seu peso monetário.

Quando a mercadoria aporta no mercado, ocorre o processo designado por MARX (1977) como o ciclo da metamorfose da mercadoria.

A metamorfose, de certa forma, é a capacidade que a mercadoria adquire em se transformar em valor de troca a valor de uso, onde passa da circulação para o consumo, sem antes ter auferido uma série de relações sociais de produção, que acarreta inúmeras transformações na mercadoria e em sua estrutura, onde as oposições entre valor de troca (M-D) repartiu-se em valor de uso (D-M').

Consequentemente, a esfera de circulação e troca é um ciclo. Um comerciante só poderá vender algo a um operário, se este ainda tiver em mãos parte do seu salário e tiver necessidade de uso daquilo que o comerciante deseja vender. O operário receberá o salário porque o seu empregador está vendendo mercadorias da sua linha de produção, e assim sucessivamente.

A estrutura produtiva é função, neste caso, da estrutura de classes, da forma como as classes agem no decorrer do ciclo de acordo com sua participação no processo produtivo. No decorrer deste ciclo, o produtor capitalista e as classes abastadas

(aristocracia, latifundiários), adquirem e se apropriam da estrutura de poder sobre a acumulação de capital.

A diferenciação na apropriação do excedente, caracteriza a diferenciação no consumo. A maneira pela qual esta apropriação do excedente é explicada caracteriza a ideologia da antinomia. O modelo se estrutura dentro do conflito social, intrínseco a ele, para confirmá-lo como algo natural, necessário ou evolutivo. No capitalismo, o trabalhador não tem a posse dos meios de produção, por isto necessita vender sua força de trabalho, que gera excedentes. A fundamentação da sua apropriação constitui um processo amplo, caracterizado pelo uso da ideologia.

4. A Interação: A Antinomia e a Ideologia

Para MARX (1977), a antinomia inerente ao sistema capitalista, é a contradição entre a produção coletiva e a apropriação individual do excedente, ou mais-valia. O trabalho, que é fonte de valor incorporado produz, e o capital se apropria. Essa produção social com apropriação privada, mais a crescente complexidade da economia: divisão social e internacional do trabalho, a diversidade dos fatores de produção, os mecanismos de mercado, o intercâmbio de moeda, entre outros, levariam a condições objetivas de revolta dos proletariados contra o sistema. Para contornar este problema, a burguesia criaria, ou o próprio sistema estabeleceria no seu âmago as condições subjetivas de controle, fundadas em aspectos ideológicos. Em 1873, o parlamentar e economista inglês G.P. Scrope (apud MEEK, 1971), antevendo a possibilidade de uma revolta das massas, quando estas tivessem nítida noção do seu papel no processo produtivo, escreveu:

"...Eles provavelmente absorverão das doutrinas atuais da Economia Política? Seriam as lições apropriadas para reconciliá-los com a dureza de uma situação de trabalho quase incessante que, em muitos casos, assegura-lhes apenas um miserável sustento, e isso nun

país que abunda a riqueza, desfrutada no ócio de alguns, as expensas...do trabalho dos demais”(apud Meek, 1971, p.96).

O discurso chamava a atenção para o problema da conscientização dos trabalhadores para sua situação de penúria, visando garantir a tomada de decisões de controle das populações, acirradas pela desigualdade de quem cria valor e de quem se apropria dele, tornou-se necessário acomodar estas classes menos privilegiadas nos seus ímpetus revolucionários e estabelecer para isso os seguintes pressupostos:

a) A concorrência inter-classes;

b) Ideologias de dominação.

O primeiro item é a manutenção de um exército industrial de reserva que, entre outros objetivos, visa o rebaixamento dos salários reais. A idéia inculcada no trabalhador de que ele pode ficar em situação pior do que se encontra o torna mais flexível às exigências do seu ofício. Os trabalhadores sem qualificação ou que se marginalizam neste processo tornam-se informais, lúpem do proletariado ou religiosos.

O segundo item, discutido mais a fundo neste ensaio, tem sua coerência reconhecida desde o século passado. Em 1873, o economista britânico Montiford Lugfield (in MEEK, 1971), definiu que um dos papéis da Economia Política era estabelecer a estrutura para a farsa ideológica de dominação:

Torna-se cada dia mais importante que as idéias geralmente aceitas sejam corretas, porquanto elas agora conduzem diretamente a ação...O indivíduo terá de, consoante o esforço que tenha dedicado ao assunto, transformar-se em pregador da verdade útil ou dissimulador de falsidades nocivas. As opiniões...exercem uma imensa influência sobre uma

classe de indivíduos que outrora estavam fora do alcance de tais discussões...refiro-me às classes trabalhadoras... Não se trata mais de saber se esses indivíduos pensarão, ou não, ou que grau de influência suas opiniões exercem sobre sua conduta: Eles seguirão a trajetória para a qual julgam que os seus interesses apontam e precisa-se apenas considerar qual a maneira mais eficaz de convence-los onde residem tais interesses...Constitui responsabilidade de todos os presentes se os trabalhadores são ensinados que os seus interesses serão promovidos mais eficazmente por prudência e operosidade ou pela violenta destruição dos capitais destinados ao seu sustento(apud Meek, 1971, p.94-95)

O sistema optou por ensinar os trabalhadores e dividi-los. Prova disto é o paternalismo incorporado pelas indústria a partir do século XIX. Era a escola que estabelecia a educação para o padrão e interesse da fábrica. Era a lei férrea dos salários que condicionava os trabalhadores às casas emprestadas e às hortas da fábrica. Era o reverendo, pago pela fábrica, para dar conforto espiritual. Com isso, a estrutura de acumulação patrocinou o núcleo familiar e padronizou os indivíduos. Isto amarrou a idéia das pessoas a uma consciência mítica em relação a fábrica, condicionando seus destinos (BERTAUX, 1979). Além disto, os novos métodos de administração científica e o advento do fordismo retiraram do trabalhador a capacidade de pensar o processo produtivo e tomar consciência dele.

Verifica-se que o aspecto antinômico, para a sua fundamentação, precisa ser inculcado na idéia, a idéia que o indivíduo desenvolve durante o processo produtivo. Frente a isso, MARX (1985) salientava que "...o processo de produção domina o homem, e ainda não o homem o processo de produção"(p.76)

Ao redor das estruturas produtivas, os laços que o trabalhador desenvolve ou a imagem que o processo produtivo lhe condiciona, estabelece sua visão do sistema de concorrência inter-

classes e do seu papel no meio. Mais do que nunca a relação domínio e contradomínio do trabalhador com o processo produtivo se dá no ambiente das idéias, e as idéias que se formam desta relação se dá no interior do processo de produção. Isto o orienta para os conflitos da sociedade. A forma como o homem se vê no meio e a sua condição de vida futura o orienta para a realidade, e as reflexões que ela proporciona lhe condiciona a isso.

As idéias receberam um âmbito muito mais amplo e abrangente: elas formam o fundo de todos os processos sociais. Na verdade, seria mais correto dizer os processos sociais são tratados mais essencialmente em termos de idéias. Elas são preeminentes porque é através das idéias que construímos a própria realidade social (Hall, 1980, p.30)

Este é o espírito dos sistemas. Orientados por idéias, a realidade social condiciona o homem aos objetos, ao seu padrão de vida, e o porque de sua existência. Se a relação direta da antinomia com o sistema, e a forma de sua fundamentação ideológica, se dá ao trabalhador a nível de produção da riqueza e a sua apropriação, então o aparato ideológico norteia as relações sociais na produção, circulação e distribuição de bens materiais passíveis de troca, caracterizando padrões éticos, valores morais e laços diversos que mantenham a integridade destas relações.

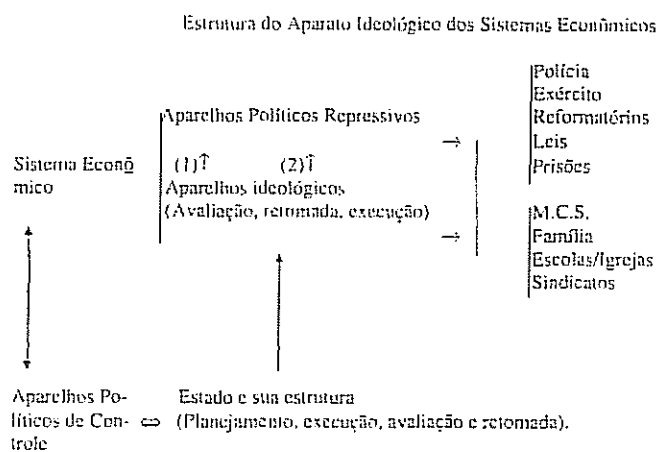
...Os trabalhos privados só atuam de fato, como membros do trabalho social total por meio de relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas, e relações sociais entre coisas... (Marx, 1985,p.71).

A ideologia, os fundamentos da Economia Política Clássica e Neoclássica e os sistemas surgem como causa de meio e fins. Ambos relacionam-se mutuamente e complementam-se. A fundamentação na relação produtiva homem x coisas buscam o aspecto da ciência para mostrar a concepção evolutiva da história como algo determinado por interesses estranhos e inacessíveis.

As formas desiguais no âmbito da antinomia também produz uma certa dicotomia no sistema, em que as relações de produção são parte de um processo único, e de que na sua essência são conflitivas, tendo no seu bojo a sintonia que auxilia no movimento do capital e sua constante reprodução.

4.1 Os Instrumentos de Fundamentação da Ideologia

Os sistemas econômicos condicionam uma estrutura de sobrevivência, que reproduz as idéias, os valores e os controles. Chama-se isto de o aparato ideológico do sistema, esquematizado abaixo:



Notas: (1) Mantém a Ordem; (2) Dá sentido; (3) Interação;
M.C.S. = Meios de Comunicação Social;

A estrutura exposta acima condiciona a organização social.

A ideologia, para evitar a tendência revolucionária do proletariado usa dos seguintes recursos, fundamentados pelos aparelhos ideológicos da Figura 01:

a) Moral: A moral é a estrutura de conduta do indivíduo, estabelecendo leis, valores e modos de vida com que o homem tem de optar na sua vida social.

GARAUDY (1982), expõe muito bem esta relação:

Cada homem tem uma moral que lhe veio de fora, com a educação, isto é, com o fato de que o indivíduo pertence a uma sociedade, a uma comunidade histórica e social...Assim, desde a infância, faço parte de uma religião, de uma pátria, de uma classe, de uma família, de uma tradição,...cujos fins e meios que me permitem alcança-los se me afiguram como valores intangíveis: o problema do fundamento não é levantado. Nem tampouco, aliás, o da transgressão (p.07).

b) A Alienação: No processo alienatório, o homem perde sua lógica dentro da sociedade, desliga-se do concreto como alguém que perdeu a capacidade de ser cidadão, sujeito da história. Esta alienação do meio pode se dar por valores míticos ou completa marginalização ao sistema. Na alienação, o indivíduo se destitui da cidadania. Não consegue ou não se interessa por fazer uma síntese da sua realidade, e conseqüentemente delinear idéias que conduzam a uma questionamento. Não tem resposta definida no abstrato para as imagens do fato. Apenas recebe as coisas como prontas e definidas de algum ponto, de algum tópico. É evidente que isto não significa que o indivíduo possa permanecer sempre nessa condição, entretanto, é de praxe que são teleguiados, dependentes de opinião alheia para agir. De certa forma, a estrutura capitalista se serve mais destes para a exploração da mais-valia, já que o alienado pode ser mão-de-obra qualificada, mais ainda em processos repetitivos, pois nem toda a ciência indica que o indivíduo evoluiu na sua concepção crítica da realidade.

c) O distorcimento das informações e a sincronização da produção: Se o homem não tem verdadeiro conhecimento do que gere as relações de produção e não possui acesso à sua lógica, não tem condições de pensar o concreto a que está inserido. Para substituir esta falha lógica, a estrutura tende a “escravizar” o indivíduo, para lhe arrancar produtividade, a certos padrões, como horário, racionalidade autômata de atitudes repetitivas, valores externos, tradições vazias... Quando se destitui o homem de teorias revolucionárias e informações, deve-se preenche-los de normas, que o torne parte do sistema, e lhe demonstre o medo de um futuro sem fazer parte da estrutura. Na asseção de SARTRE (1982) “a norma como possibilidade permanente de me tornar sujeito da interioridade surge, ao contrário, como futuro puro; em outras palavras como futuro de nenhum modo determinado pelo passado”(p.37)

d) O aspecto existencial: Porque nos encontramos no espaço terrestre ? O porque da nossa existência ? Este tipo de pergunta impulsionou o homem na sua trajetória infinita pela história. Quando o homem questiona os fatos presentes, começa a criar subsídios para transformar o meio. Quando o homem começa a questionar, começa a dar os primeiros passos para se sobrepor à alienação, isto se não acomodar-se. O que conduziu alguns acontecimentos na história foi a grandeza humana de não aceitar o que era imposto.

Afora estes aspectos, no decorrer do processo histórico, sempre ocorreu e se apresentou uma estrutura organizada ao redor de um sistema econômico. MARX (1977), expõe muito bem esta relação, ao fundamentar sua análise a partir de uma visão do processo econômico, em que a estrutura de controle das relações entre aparelhos repressivos e ideológicos a cargo do Estado. Entretanto, o Estado é a oligarquia de indivíduos que representam interesses da sociedade dentro das formações sociais que globalizam-se num modo de produção, isto é, o método como conseguem os meios de sua subsistência e a relação com o cosmos. Isto dá uma certa característica essencial e fundamental a

sociedade, uma contínua rede de transformações e mudanças. São os avanços qualitativos do modo de produção (escravista, feudal, capitalista, socialista). Para cada forma de produção e seus indícios, há o mundo das idéias em que está inserido, o mundo da cultura, do fato histórico, do real. Isto tudo, nada mais é do que a ação da estrutura explicitada na Figura 01, que deu sentido, interação e explicação aos fenômenos sociais, as formas de suprir necessidades materiais e a formação de novos paradigmas na sociedade. Isso nunca acaba, é um processo contínuo, com círculos viciosos e virtuosos, que surgem na forma como os aparelhos políticos de controle supervisionam o sistema econômico. A economia, através da ideologia, universaliza expressões simbólicas de idéias, sob o que abaixo dela, fica a realidade dos fatos e das pessoas humanas.

O organismo produtivo...que se reproduzem constantemente da mesma forma e, se forem destruídos acidentalmente, são de novo reconstruídos no mesmo lugar, com o mesmo nome, oferece a chave para o segredo da instabilidade de sociedades...que contrastam de maneiras impressionante com a montante dissolução e reconstrução dos Estados...A estrutura de elementos econômicos fundamentais da sociedade não é atingida pelas tormentas desencadeadas no céu político.(Marx, 1985, p. 281-282)

O aspecto político está condicionado a valores econômicos e culturais. Podem surgir varias formas de governo, mas sempre haverá um condicionamento para a estrutura de trocas dos bens materiais de valor. Esta estrutura se perpetua até mesmo sob o aparato institucional que tem de mante-la. É o pacto social primitivo de Jean-Jacques Rosseau, em que cria-se a estrutura do Estado, mas esta estrutura é anterior a fundamentação ideológica. Somente se unida a forma política e econômica do sistema, na sua lógica e apropriação de excedentes, de forma revolucionária, forma-se o

aspecto de planejamento e repressão, exposto na Figura 01. A forma do mando político gerir e organizar o meio será em função da necessidade da estrutura do sistema produtivo em questão.

4.2 A Mais-Valia, a Ideologia e a Superação

O processo evolutivo do capitalismo, que conduz os saltos qualitativos no processo histórico é a luta de classes, de acordo com MARX(1985). Entretanto, por si só não há luta de classes. A luta surge no antagonismo que reflete a apropriação do valor no processo de produção e troca. Todo o montante adicional de valor produzido por uma classe de pessoas é apropriado por outra. O antagonismo das classes surge da relação dos indivíduos com os meios de produção, entre os que são remunerados pela sua força de trabalho, e entre os que se apoderam do seu produto, ou seja, da mais-valia.

O aspecto fundamental desse processo é a mais-valia. Toda a estrutura da antinomia está no seu bojo. esta realidade explica toda a essência da ideologia. Enquanto houver relação desigual no sistema, precisar-se-á de uma estrutura para mantê-la. Os aparelhos desta estrutura foram esquematizados na Figura 01.

O objeto da apropriação estão dissimulados por fatores endógenos ao processo produtivo. MARX (1985), salientou estes aspectos no "Capital", ao analisar a formação da taxa de lucro, do capital constante e variável, dos preços e a moeda.

Uma extensão desta estrutura foi verificado no início desta discussão ao comentar o processo de distribuição e troca. Esta estrutura é extensão de um ciclo porque passa a mercadoria até a apropriação por completo pelo capitalista do seu valor.

Se compararmos agora o processo de formação de valor e o processo de formação de mais-valia, constataremos que este último é em suma apenas o primeiro prolongado além de um certo ponto. Tanto que o primeiro não dura senão até onde o valor da força de trabalho, paga pelo

capital, é repostado por um novo equivalente; é simplesmente um processo de produção de valor; mas ele vai um pouco além, torna-se um processo de produção de mais-valia.(Marx, 1980,p.40).

A mais-valia é um resultado. O resultado de um elo que tem como fator principal o valor que o trabalho incorporado à mercadoria através do processo de divisão do trabalho. A apropriação deste excedente pelo capitalista acarreta a característica principal do sistema e condiciona sua distinção. A ideologia, conseqüentemente, é um instrumento de dissimulação desse fator. Nessa relação de produção, que caracteriza a antinomia, faz a performance da mais-valia frente ao proletariado. Toda a estrutura revolucionária está na capacidade de sobrepujar as ideologias dominantes aos elos que a mantêm. A ideologia age na relação social com o sistema.

Como o homem está inserido no sistema, vive uma relação social constante, sua subjugação concreta se dá pelo poder do Estado. O Estado é o delineador permanente do homem no processo produtivo, delimitando a estrutura e as condições de produção. Para enquadrar o indivíduo neste processo, há as subjugações e as condições ideológicas, o que condiciona também o processo histórico, onde a interdependência dos membros da sociedade, suas necessidades, confrontadas com a capacidade de atender as privações, alimenta transformações. Estas transformações tendem a ser subjugadas, por isso a ciência vem a serviço do sistema produtivo, através da subjugação real e formal.

A subjugação real, tem grande ligação com as condições objetivas concretas. O trabalhador passa a depender dos avanços científicos e suas qualidades para executar suas funções. A condição da antinomia no sistema só é modificada nesta mudança de etapa, dependendo da eficiência da subjugação real em auferir uma participação do trabalhador no resultado da produção, e na capacidade do Estado, ou outra forma organizada, de garantir isto.

Toda e qualquer mobilização a nível de luta de classes, de fenômenos sociais, de princípios ideológicos, vem para distorcer

subjetivas e ou objetivas, e o homem vê a sociedade pelo prisma gerado pelo grau de satisfação destas necessidades. Porquanto o homem não percebe a expropriação no processo de geração de excedente, em que tudo o que produz não lhe é devolvido, não tem necessidade de empreender transformações para romper com sua exploração e possuir a mais-valia gerada no ambiente da produção. Mesmo porque a dissimulação desta mais-valia está encoberta na metamorfose que encobre o elo principal do sistema contido na produção.

Além do período de produção, o capital deve percorrer o período de circulação. Durante esse período ele não produz mercadoria nem mais-valia. Portanto, quanto mais longo o período de circulação, tanto menor será, proporcionalmente, a mais-valia produzida. Quanto mais o capitalista consegue acelerar o período de circulação, tanto maior será a mais-valia. É isso que reforça a falsa aparência de que a mais-valia nasce na circulação (Marx, 1980, p.247).

O próprio sistema subjuga o homem a sua racionalidade. Mas independente deste fator, há outros que identificam a estrutura de acumulação, entre a estratificação de níveis de consumo, a existência de diferentes grupos sociais, o crescimento populacional, a desigualdade familiar, entre outros. Quanto mais complexa a sociedade, a dissimulação da apropriação ocorre além do processo de distribuição e troca, mas também as relações de infra e super-estrutura.

um processo de antinomia. Isto não pressupõe apenas relações produtivas de forma concreta, mas de relações a nível de consciência coletiva, de estrutura de classe e destinos pessoais (BERTAUX, 1979). Este é o elo de ligação entre os fatos e as idéias. Elas nunca ocorrem só, mas em proveito de reflexões em coisas materiais, em bens de troca.

A realidade é constituída por coisas, por indivíduos :

Em todas as sociedades que alcançaram certa complexidade, o produto social é em parte diretamente apropriado por instituições que integram o sistema de poder, o que tanto pode contribuir para reduzir como para aumentar as desigualdades sociais, sem que o fundo do problema venha a modificar-se (Furtado, 1977, p.19).

Por esta não modificação do centro de expropriação e dominação, a sociedade tende a se autogestionar para formas de superação.

4.2.1 A Superação

Para FURTADO (1977):

...O conceito de luta de classes traz em si dois elementos de importância decisiva no estudo da dinâmica social: a) a definição de que o nível do excedente e a repartição deste entre subgrupos dominantes, expressam o resultado de antagonismos. b) a idéia de que tais antagonismos aumentam de importância quando os elementos que deles participam formam grupos estáveis, o que se deve a tomada de consciência pelos seus membros da existência de interesses específicos comuns (p.26).

A relação de poder no sistema é esta: a capacidade de apropriação do excedente. Quanto mais um grupo social participa dele, mais tem importância o seu jogo de forças no sistema. Apesar de um grupo auferir a posse sobre a parcela do produto excedente mais expressiva, não significa necessariamente completa margem de influência. as vezes, servem apenas de arçabouço para novas formas de acumulação e expropriação. A sociedade é um jogo de forças políticas constantes.

A estrutura de um grupo em relação ao excedente e talvez anti-sistema tem que ir além para libertar-se do caráter ideológico. Isto exige uma metodologia de ação transformadora baseada no

método ver-julgar-agir, ou uma busca permanente do homem no seu contexto transformativo da história, o que o leva a ser um agente privilegiado. Pode-se citar a ação de sindicatos, revoluções sociais, que acarretam transformações estrutura do sistema. No momento que isto acontece, o valor da mão-de-obra varia de acordo com a estrutura de dominação, onde o conceito de gerir empresas se modifica, e o poder político se fragmenta. Isto acarreta o desenvolvimento das forças produtivas e nivela o comportamento dos agentes sociais com relação ao seu posicionamento no sistema.

Em uma sociedade em que grupos e classes sociais, com interesses antagônicos, adquirem progressivamente uma percepção das posições respectivas e uma visão do todo social..., as estruturas de privilégios passam a ser transparentes e, por conseguinte, permanentemente ameaçadas (Furtado, 1977, p.72).

Um segundo aspecto da superação das amarras ideológicas do sistema, é acentuado por FURTADO (1978) : a criatividade. Como o sistema capitalista estrutura-se na divisão do trabalho, na técnica e inovação (além da acumulação), a maneira como os grupos avançam em formas de reprodução dos meios produtivos e a racionalidade do consumo, garante a ascendência de grupos ao sistema produtivo. Além de que a criatividade também são formas de contra atacar a estrutura de dominação.

Quaisquer que sejam as antinomias que se apresentem entre as visões da história que emergem de uma sociedade, o processo de mudança social que chamamos desenvolvimento adquire certa nitidez quando o relacionamos com a idéia de criatividade. Simplesmente para reproduzir certas estruturas tradicionais, as sociedades necessitam de anseios de defesa e adaptação, cuja eficácia reflete a aptidão de seus membros para formular hipóteses, solucionar

problemas, tomar decisões em face da incerteza
(Furtado, 1978, p.81).

Nesta lógica de transformações, os períodos e o grau de incerteza contribuem para a fragilidade do sistema em suas relações. Para se sobrepor às incertezas, os capitalistas tem que ter profundo conhecimento e noção da evolução dos meios produtivos e traçar expectativas de ação do mercado. No conflito capital x trabalho, a incerteza é um "vírus parasitário" no processo de acumulação, pois modifica o grau de relação social em favor daquele que melhor domina-la.

Um terceiro aspecto a salientar é o das transformações inerentes ao próprio capitalismo, e o seu aspecto revolucionário. A revolução é uma mudança radical nestas estruturas, o problema é a quem favorece e por quê? A transformação do capitalismo o tem conduzido a uma guinada de crises, onde a cada dia o "receituário" econômico encontra mais dificuldades em se sobrepor a estas crises. as turbulências do tecido macrossocial, acarretados por estes desequilíbrios é a tendência a novas formas de acumulação fora do controle do Estado e longe do alcance da burguesia. São as relações selvagens que o sistema cria e não pode controlar, ou pelo menos tenta com os meios de que dispõe.

5. Conclusão

A ideologia nada mais é do que o controle subjetivo das supostas condições que acarretariam uma revolução social no bojo do sistema capitalista. Obviamente, esta estrutura se estabelece pela apropriação privada do excedente produzido por um grupo social. Dessa forma, a estrutura que se estabelece entre o mecanismo ideológico ao longo da história para impor formas de dominação, formaliza a característica peculiar ao modo de acumulação do capital. Seus movimentos históricos ascendentes, a completa incorporação da técnica e culturas encobrem uma estrutura desigual de classes, que margeiam a pirâmide social.

Entretanto a complexidade de controle e a própria

democracia, o sistema perdeu parte do impulso de que dispunha para o controle efetivo das organizações. A dominação então se faz perene em formas brutais de controle da natalidade, a miserabilidade de determinados grupos raciais, guerras e a falta de condições de trabalho. Isto de certa forma conduz ao acirramento das diferenças entre as classes sociais e o agravamento da crise, condicionada também pela incerteza que o futuro reserva.

Nota-se então que o homem é escravo das formas de acumulação e da necessidade de mantê-las. A ideologia, então, é uma dos meios adequados de garantir a permanência de relações sociais antagônicas, atuando nos fatos e nas idéias. Seja qual for o ambiente, sua realidade exigirá a completa ilusão, ou alienação dos povos para os acontecimentos que ocorrem no seu meio. Aí encontra-se a afinidade perceptiva entre economia e ideologia. O sistema passa a ter caráter econômico quando acontece a mercantilização. A economia é a ciência social que explica e estuda o relacionamento do homem com a riqueza. A ideologia é o fundamento psicológico da economia, que por fatores endógenos não se capacita a atender necessidades básicas de justiça social nos ambientes que cria.

Em qualquer sistema de produção, sempre haverá necessidade de se estabelecer relações pré-determinadas entre os homens. Estas relações, na história sempre são de dominação, de opressão e de agravamento moral. Sem dúvida, um dogma do imperialismo. A hegemonia de grupos na prática social, depende da capacidade de um povo ou de uma classe, de sobrepujar a outra. A própria arte de pensar dentro destes princípios, em períodos de decadência e em momentos de distorção da verdade, é um ofício à parte de quem não aceita o jugo das normas. É a capacidade das novas idéias que daí surgem de interagir com a verdade, traçando novos destinos que podem vir a tornar-se revolucionários, traçando mudanças no cenário político. Esta aceitação política se consolida quando os rumos, traçados na apropriação das riquezas, dão aos indivíduos garantias de prosperidade e estabilidade. À queda de um grupo ou de uma estrutura de classes, outra tende a

conseguir um certo privilégio na estrutura, para resguardar a parcela de força da classe dominante. Para manter esta verdade perene, novos paradigmas se ciarão mesmo ante a incerteza. Estes novos paradigmas são frutos da criatividade, que inventa novas teorias, novos dogmas, um novo espírito de realidade absoluta entre os homens, até que se possa vence-las com novas estruturas sociais, com novos instrumentos, com novas teorias, com novos fatos, e uma série de idéias adequadas ao que se espera frente ao real.

6. Referências Bibliográficas

- BERTAUX, D. *Destinos pessoais e estrutura de classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FURTADO, C. *Criatividade e dependência*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.
- _____. *Prefácio a nova economia política*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.
- GARAUDY, R. Por uma discussão sobre o fundamento moral In: - *Moral e Sociedade*. 2o. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982, p.3-30.
- HALL, S. et.all. *Da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MARX, K. *O Capital: Edição resumida*. 7o. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.
- _____. *O Capital*. 2o. ed. Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MEEK, R. *Economia e ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- PEDRÃO, F. C. *A estruturação social da produção e classes sociais*. Salvador, mimeog.
- SARTRE, J. P. Determinação e Liberdade. In: - *Moral e Sociedade* 2o. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982,p.31-47.
- SWEEZY, P. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. 4o. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.